

FÉ E ÉTICA NA ATUAÇÃO POLÍTICA. ANOTAÇÕES À LUZ DE TRECHOS BÍBLICOS¹

Milton Schwantes*

RESUMO: Nestas minhas reflexões expressaria minha dúvida sobre o moralismo e mesmo sobre a moral, porque nela prevalecem imposições e autoritarismo, que exigimos de outros sem alcançarmos, nos mesmos, a adequarmos a elas! É que a fé não se constitui de catálogos de moral, antes de um evento da gratuidade e da graça. Este é nosso primeiro item: “o justo vive na fé”, e, por isso, se esmera em adequar-se à justiça e à verdade.

Palavras-Chave: Justiça, Religião, Fé.

ABSTRACT: This article expresses a doubt about the validity of authoritarian social norms. Faith does not constitute catalogs of morals, prior to an event of grace. This is our key item, “*The just shall live by his faith*”. Therefore, the religious human being always seeks justice and truth.

Keyword: Faith, Religion, Justice.

INTRODUÇÃO

Há que considerar o que seja fé: o evento que atribui às gratuidades de Deus minha própria vida. Fé não resulta, pois, da igreja ou de quem quer que seja; brota do coração de Deus em nossos corações. Por isso, para entendê-la e assumi-la estamos livres para inverter-nos: isto é, os caminhos do triúno Deus em nós, em Jesus, o crucificado e ressurreto, fazem brotar em nós e nas comunidades o anseio inusitado e comovedor de sermos suas seguidoras e seus seguidores. Por isso, vamos às lutas da vida, em especial para promover um mundo de irmãs e irmãos. E assim passa a estar constituída a tarefa ética da política. Não basta o amor a indivíduos, ainda que estes jamais possam ser relegados, mas somos convocados e vocacionados ao amor e à justiça com dimensões políticas. Nesta solidariedade, os melhoramentos sociais devem ser em prol do conjunto social, partilhado com cada pessoa.

“O que diremos, pois, à vista destas coisas? Se Deus é por nós, quem será contra nós?” (Romanos 8,31) Portanto, estou aqui para recomeçar. Não vim aqui para continuar a desferir

* Doutor em Teologia pela Universidade de Heidelberg. Foi professor titular do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade Metodista de São Paulo/UMESP. A publicação desse texto torna-se uma homenagem póstuma ao referido professor Milton, falecido em 01 de março de 2012.

¹ Este ensaio tem por base a conferência apresentada no encontro “Ética e fé na atuação política”, no 2º Encontro Mineiro de Fé e Política – “Consolidar o Poder do Povo: Paixão, Luta e Resistência”, em Belo Horizonte/MG, SESC-Venda Nova, em 1 e 2 de outubro de 2005.

mais algumas pedradas. Já jogaram muita pedra. Já lançamos outras tantas. Dentre quem as lançou muitos o hão de ter feito porque sempre é melhor jogar pedras que esperar até que nos lancem. Ataque precede a defesa. Mas nem vou ao ataque e nem à defesa. Isso aí já cansou. A meleca que tanto vemos noutros é também a mesma meleca pela qual eles nos vêem.

Nos primeiros dias deste reboiço de corrupção, falava com um dos feirantes do Bairro da Saúde, onde moro em São Paulo. A feira é tarefa minha. O vendedor esbravejava sobre ladrões e corruptos, nesta política à moda brasileira. Perguntei-lhe, enquanto lhe comprava uma dúzia de ovos: “E se pintasse um milhão aí em sua frente, você levava?” Sua resposta foi imediata e sem carecer de mais pensamentos: “Ah, levava!”. Pois é, o pior da corrupção é a gente, nós que fazemos nossa feirinha aos domingos, não levamos chance. Bem, isso não explica tudo, mas faz entender melhor a ‘rebelião’ do moralismo. Enfim, quem pousa de moralista está próximo de quem se esconde por roubo.

Não me deu vontade ir ao assunto pela indignação moral. Ela tem lá seus direitos. Mas que não sejam demasiados. Porque a moralidade tende à cegueira como o roubo. Não à cegueira de não ver aos outros, mas à capacidade de ver a própria desfiguração. Neste sentido, alegra-me em perceber que moral realmente tem perna curta.

Nestas minhas reflexões expressaria minha dúvida sobre o moralismo e mesmo sobre a moral, porque nela prevalecem imposições e autoritarismo, que exigimos de outros sem alcançarmos, nos mesmos, a adequarmos a elas! É que a fé não se constitui de catálogos de moral, antes de um evento da gratuidade e da graça. Este é nosso primeiro item: “o justo vive na fé”, e, por isso, se esmera em adequar-se à justiça e à verdade. E isto é um caminho, um experimento ético de incessantes tentativas e conversões no humilde intuito de acerto, não é uma perfeição moralista com ares de arrogante superioridade. Por isso, ser justo e digno é, na Escritura, marca de crianças e pobres, doentes e desesperados.

Descrever a sequencia dos conteúdos da palestra.....

1. Das coisas da fé: o justo viverá na fé

De algum modo nos viemos acostumando a analisar a *religião*. Quando o fazemos, tendemos a enfocar os personagens históricos e seus comportamentos. E isso está bem assim. Afinal, religião é antes de tudo o que se vê e se vive. Não é o escondido das coisas. Não é ciência oculta. É o que se evidencia, se narra, se conta e se pensa, à luz do dia, sem subterfúgios nem engodos.

Por aí todos nos vamos fazendo cientistas da religião, na própria igreja assim atuamos e nos explicamos, como se religião fôssemos. Aliás, o somos, ao caminhar à igreja aos domingos, no mesmo horário, do mesmo jeito, de roupas similares. Igreja está repleta desses passos, dessas roupas, desses horários, dessas festas – tudo religioso. Como não haveríamos de querer ver-nos religiosos?

Por mais que assim sejamos, até nos comportamos, até somos, não nos entendemos e nem se nos explica se só assim nos olhamos. Eis o problema!

O que somos é pela fé que somos. Eis, o segredo que habita em nós. Temos uma série de marcas que perfazem a religiões, mas aí não nos esgotamos.

1.1 – Minha graça te basta

De verdade a vida na fé nem se vive e nem se vê, sem este seu jeito histórico, sem isso que estou chamando de religião. Mas, quem assim nos olha, também há que dizê-lo honestamente que não nos vê. O que se vê, tende a nem ser o que de verdade se vive e se deseja, porque os olhos podem não tanger o mistério da salvação. Falemo-lo de modo centradamente antropológico, para que ainda se torne mais flagrante: ao ver-nos, possivelmente já nos estamos a esconder.

1.1.1 – “Por decisão própria os amarei”

O *profeta Oseias* já expressava esse mistério em sua profecia, certamente originária da escola deuteronomica, no 8º século. Ele e tantos outros profetas, antes dele e a seu lado, anunciavam, geração trás geração, que Israel e Judá, estado e elite dominante, e, em consequência, até o próprio povo, se afogariam em sua própria ruína, porque se punham a massacrar seus pobres, as mulheres e os homens, e porque, ao invés de se lançarem ao Deus do êxodo, Javé, punham-se atrás de ídolos representados no melhor de sua produção e no próprio ouro (1Reis 12). Diante de tais mazelas dos senhores de Israel e de Judá, só restava a Deus exterminar essas configurações políticas, que ele mesmo, Deus, chamara a existir (1Samuel 8).

Mas, chegando a este triste fim de tudo, em torno de 722 a.C., quando os soldados assírios já rondavam o país e nele lançavam suas tropas para liquidar o reino do norte, o Israel do 8º século a.C., o profeta como que reinicia sua atuação. Recomeça a história (Oseias 2,1-3.16-25). No fim, em meio ao extermínio, quando o justo juízo de Javé se efetivava, faz-se um surpreendente recomeço.

E isso se dá, porque Deus ‘justamente’ não é ‘fiel’ a si mesmo: Ele que havia enviado profetas trás profetas a anunciar a morte; Ele a si mesmo se torna vida: recomeça o caminho de vida com quem condenara à morte: “Curarei suas rebeldias. Por *decisão própria* os amarei. Eis que minha ira se afastou dele.” (Oseias 14,5).

A fidelidade de Deus a si coincide, pois com seu próprio amor que suplanta o justo e inquestionável juízo de morte a seu Israel. Ele traça novo caminho e novo começo. Formula suas decisões. Esta é a surpresa do evento salvífico por graça e na fé. É o que enfraquece toda e qualquer moralidade apressada: eis que Deus se converte! Embute um risco em nossa vida, o risco do amor, do perdão, da contínua possibilidade do recomeço, não formal mas de

conteúdo, de transformação da vida. Não é a fidelidade a nós mesmos que Deus exige, mas a confiança plena nele. Eis, o mistério da fé!²

1.1.2 – “O justo viverá pela sua fé”

Neste nosso assunto, cabe o profeta *Habacuque*, um teólogo da escola de Isaías, na Jerusalém do finalzinho do 7º século. Sua profecia é uma provocação ao novo, a um inusitado pensamento teológico e a uma prática igualmente surpreendente.

Encontramo-lo num ciclo como que litúrgico em Habacuque 1,1 até 2,4.³ Nele, esse profeta na escuta de Deus e em meio à oração, obtém nova resposta de Javé a respeito de uma inquietação de seu e de nosso tempo. Em sua queixa, em 1,2-4, o profeta grita a Javé por causa da “violência”, em que os justos são obrigados a viver. Terá fim esta vitória da violência e da opressão? A justiça nunca se manifestará?

Essa queixa profético-humana obtém resposta de parte de Deus, 1,5-11. Esta afirma: contra a injustiça do injusto, Deus suscita como solução os caldeus. Estes com seus violentos exércitos exterminarão o mal. Vencerão o injusto com sua terrível violência, sim para o qual “o poder é seu deus” (1,11).

Tal resposta não condiz ao problema, por isso o profeta volta a contestar, em 1,12-17. Estes versículos, em parte não bem preservados em termos de crítica textual, dão destaque inicial à glória de Deus. Não é, pois, à parte de Deus, mas justamente no reconhecimento de sua glória que o profeta contesta a validade da resposta dada anteriormente. É mesmo razoável que o poderoso continue a destruir, por que o poder lhe dá a capacidade para tal? Haverá justiça através da efetivação do poder?

E, assim, o profeta recebe nova resposta, em 2,1-4. Obtém-na dentro dos moldes então modernos: colocado “na minha torre de vigia” (v.1), observando os céus. Esta nova resposta se encontra em sua formulação final e inovadora no v.4b: “o justo viverá pela sua fé”⁴, ou “o justo viverá na sua fidelidade”⁵. O novo é a “fé”/“fidelidade”, a *’emunah*, enfim o que diz *’emen*! “amém” à vida.

Essa sentença teológica se fez famosa, porque está retomada no cabeçalho teológico da carta aos Romanos 1,16-17, e porque teve papel de destaque na teologia dos reformadores do século 16, em especial de Martin Lutero⁶. Para o profeta Habacuque, a vida do justo, que vive

² Confira Hans Walter Wolff, **Dodekapropheton 1 – Hosea**, Neukirchen, Neukirchener Verlag, 2ª edição, 1965, 322p. (Biblischer Kommentar Altes Testament 14/1), em inglês: **Hosea – A Commentary on the Book of the Prophet Hosea**, Philadelphia, Fortress Press, 1974, 259p.; veja também Jorge Mejía, **Amor, pecado, alianza – Una lectura del profeta Oseas**, Buenos Aires, Ediciones de la Facultad de Teología de la U.C.A./Patria Grande, 1997, 159p., e Horacio Simián-Yofre, **El desierto de los dioses – Teología e historia en el libro de Oseas**, Córdoba, Ediciones El Almendro, 1992, 286p.

³ Veja Domingos Sávio da Silva, **Habacuc e a resistência dos pobres – Tradução crítica do profeta Habacuc**, Aparecida/SP, Santuário, 1999, 342p. (Série Bíblica 5).

⁴ Assim na versão de João Ferreira de Almeida.

⁵ Assim na versão da *Bíblia Pastoral*.

⁶ Veja Walter Altmann, **Lutero e libertação – Releitura de Lutero em perspectiva latino-americana**, São Leopoldo/São Paulo, Sinodal/Ática, 1994, 352p.

sob contínua ameaça de parte do injusto, terá superada sua vida injustiça pelos senhores do poder através da injustiça, precisamente porque Javé dará ao justo a marca da fé e da fidelidade. De ambos, o sujeito implícito aparente é o justo, mas de verdade é o próprio Deus. Pois, se o justo vencesse por sua conta e força, toda esta liturgia e estas orações de Habacuque seriam por si só desnecessárias. Elas só são tão urgentes e prementes, porque o justo não vence, não se impõe, porque a força e a violência do injusto são as que se sobrepõem. O justo só alcança ser vitorioso porque o sujeito implícito de sua vitória é Deus. E é por isso que a Ele se apela! Poder-se-ia dizer também – é óbvio – que a vitória é do justo, deste ser humano. Mas, em tal caso, haveria um eufemismo implícito nesta vitória humana, que a tornaria outra vez ato divino; seria divino na profundidade do humano, na extrapolação do humano, no qual a fragilidade total se torna chance de celebração. Mas isso, no caso, seria aqui em Habacuque ou em Isaías 52,10-52,12 algo como parábola humana. Mais adequado é que se diga tal experiência em sentido teológico, revelando a Deus autor do inusitado. Ainda que o milagre seja humano, sua versão mais radical é a inversão teológica.

O justo está em vida seja “em sua fé” ou “em sua fidelidade”. Ao valer-se do conceito da “fé”, o tradutor insiste no teológico em meio ao humano. Ao valer-se do termo “fidelidade”, a versão inculca no humano a subversão da injustiça. Numa ou noutra visão, saiba-se que em ambas o milagre abunda. Não é a soma de determinadas ações que abre horizontes, mas são os raios os que iluminam as obscuras noites, já sem horizontes, nem visões.

Sem graça não há justiça. Pois, pela justa justiça a desgraça se faz. Este é o brutal dilema de gente pobre e injustiçada. Mas a rigor não é sua condição social que assim os aperreia e os contorce pelos cantos e margens sociais. A própria vida é assim, ela anda por seu contrário. Esta é a suspeita da religião sobre toda boa intenção. Ou noutras palavras: a cruz não é sinal de tempos de longe passados, mas dos dias que aí vão. A ruína não é o mal, é o próprio bem que a si trai.

1.1.3 – “Vem para o centro”

Haveria contradição maior que a de “o filho de Deus” em pleno Gólgota, em plena caveira? Seu lugar não é lá. Seu espaço certamente haveria de ser outro, ao menos digno. Pois, se te perguntassem de como haverias que receber Deus, não dirias que o haverias que recepcionar em “o lugar das caveiras”⁷ (isto é, no Gólgota). Terias tantos outros lugares melhores que este, ao qual se lançavam restos mortais de pobres defuntos desconhecidos, já apodrecidos e desmanchados. Neste lugar de ‘desmanche’ de defuntos é que não se haverias de esperar ao Senhor dos Senhores! Mas, foi lá que ele se revelou derradeiramente. Algum outro ‘Olimpo’ haveria que ter escolhido, mais nobre e esbelto, com corpos sadios e atléticos aos seus pés!? Aí, sim, neste ‘Olimpo’, aos pés do qual se celebravam as olimpíadas, poder-se-ia pensar deus, em

⁷ É o que significa “Gólgota”! Veja Marcos 15,22.

meio aos exercícios de belos e olímpicos corpos. Mas em meio a caveiras...? Aí, Deus? Sim, aí o da caveira é que é Deus, o da vida, o restante dos 'olímpicos céus' tendem a ser ídolos. Não basta, pois, diferenciar entre Deus e os ídolos, o que importa é ver seus contextos!

Este Gólgota já está, por assim dizer, no próprio nascimento, por exemplo nas histórias de Mateus. Ver mencionadas como antepassadas de Jesus: Tamar, Raabe, Rute, “a que fora mulher de Urias”⁸ e Maria⁹ não põe o menino Jesus, propriamente, em ‘bons lençóis’ de moralidade. Mas dispõem-no agudamente na história da salvação. Por igual, as companhias de Jesus entre enfermos e pecadores, felicitando pobres e abençoando criancinhas não propriamente o torna um dignitário, mas o identifica como um sofredor e perseguido em meio aos necessitados e flagelados por dores e palavras alheias.

Por onde ‘andarmos’ e lermos os evangelhos, vemos, justamente nestes nossos dias, talvez melhor que em outros tempos se via: em Jesus emerge a pobreza e floresce para além; vida nasce em meio a crucificados.¹⁰ E assim desfilam diante de nós, nos evangelhos, cada um dando sentido à humilhante realidade desta gente desdenhada e empurrada a viver em cemitérios e túmulos, já que não lhes sobrava nem casa e nem teto. Que glória haveria em meio à tamanha cruz? Nenhuma! É, não há glória, mas há soluções, cá e lá e por toda parte, em meio ao mundo dos e das empobrecidas. Afinal, aprende-se de novo a colher grãos em roças alheias, quando bate a fome, sem medida, e se sabe reler as leis que, em seu cerne, são em prol da vida (Marcos 2,23-28). Experimenta-se que dores e doenças, grandes e pequenas, têm solução posto que, à luz das palavras de Jesus, estão aí disponíveis à vida da gente pobre. Vivencia-se que cada encontro com alguma pessoa pode transformar-se em vida nova: ‘zaqueus’ podem transformar-se em vidas sem roubo, e mulheres podem tornar-se em irmãs de caminho.

Na cruz e no caminho a ela – aliás, “o evangelho de Jesus Cristo” (Marcos 1,1) – desvendam-se as realidades próprias, nas quais existimos. Assim o expressa emblematicamente o evangelista Marcos em seu cap.15, quando faz seguir à morte de Jesus (“Jesus, dando um grande brado, expirou” 15,37) alguns eventos peculiares, típicos da obra e vida de Jesus de Nazaré. O véu do templo se rompeu (v.38), o que quer dizer que dentre os sinais da presença de Deus já não cabe lugar de destaque ao templo (veja Marcos 13,1-2; observe também cap.11). Este já não é ‘local’ de Deus, mas o é a cruz, o são as cruces. Além da crise em que o próprio templo é colocado, novos sujeitos se tornam cristãos: o soldado estrangeiro que havia acompanhado Jesus à morte. Agora, confessa: “verdadeiramente, este homem é filho de Deus” (15,39); nessa confissão o evangelho de Jesus Cristo, segundo Marcos, propriamente chega a seu alvo (veja 1,1!). E além do soldado que encontra o caminho à comunidade, aí próximas à cruz estão as mulheres que desde a Galileia seguem a Jesus; três se destacam nominalmente

⁸ Bate-Seba.

⁹ Veja Mateus 1,1-17.

¹⁰ Veja Jon Sobrino, **Cristologia a partir da América Latina** – Esboço a partir do seguimento do Jesus histórico, Petrópolis, Editora Vozes, 1983, 431p.

(15,40-41): Maria Madalena, Maria, mãe de Tiago, e Salomé. Tão frágil quanto Jesus fora eliminado é sua igreja, agrupada aí junto ao crucificado.

Político, sim eminentemente político é este evangelho¹¹, mas sem poder nem violência. A vida se ia fazendo nova, não que possuímos a receita para tal, mas porque Deus em Jesus assim re-criou, re-inventou e re-agrupou a vida por nós, em nosso meio e conosco. Eis o milagre de Jesus, a maravilha da fé, eis o caminho para encaminhamentos políticos.

Jesus se fez centro da história. E assim reocupou o centro da vida com os que estavam fora e a parte. Por isso nos pôs no centro: “vem para o centro” (Marcos 3,6). Em Jesus os maltrapilhos foram feitos centro da história, portanto também da política.

1.1.4 – “Não vos conformeis com este século”

O apóstolo Paulo foi radical e genial na explicitação do evento de Cristo, na “nova criatura” (2Coríntios 5,17) que nele se realiza, em meio a nós e em nosso favor¹². Esta nova criatura é caminho escatológico tanto para as pessoas que encontram e re-encontram sua vida acolhida no amor de Cristo para o amor à criação e a suas criaturas. Neste sentido, o evangelho, entendido como nova criatura, como renascimento (veja João 3,7: “importa-vos nascer de novo”), é re-criador da vida nas relações inter-pessoais e simultaneamente nas inovações criativas nas relações sociais e políticas, e na criação inteira. Nesta perspectiva, o acesso transformador ao que seja político é parte da ação de quem reencontrou os caminhos de sua vida, ao ser encontrado por Jesus.

Vida – redescoberta na graça de Deus, não decorrente de boas e humanas obras – é propriamente dádiva de Deus. Ao recebê-la, não me adono desta sua origem diária e cotidiana. Ao recebê-la rogo a Deus que, por mim, se expanda a sua gratuidade através de ‘minha’ imitação aproximada de sua inusitada bondade e sua benfazeja ação através de mim (veja Filipenses 3,8-9).

Tal vida conquanto dádiva a um agraciado, como sou, sem qualquer primazia sobre ninguém me liberta para realizar o melhor possível por meus irmãos e minhas irmãs, e por meus concidadãos e minhas concidadãs. Estou chamado à criatividade de um amor eficiente, um amor que cure, que supere as origens dos males que atingem a outras pessoas ou a sociedade inteira. Amor reivindica eficiência, inclusive política.

Não se poderá dizer que Paulo tenha levado essa dinâmica à sua forma mais criativa e conclusiva. Nosso apóstolo, não só vislumbrava um fim eminente¹³ ou também não via chances

¹¹ Veja Fernando Belo, **Lectura materialista del evangelio de Marcos** – Relato-práctica-ideología, Estella, Editorial Verbo Divino, 1975, 471p.

¹² Veja a respeito de Paulo o ensaio metodológico de José Severino Croatto, **Êxodo** – Uma hermenêutica de liberdade, São Paulo, Edições Paulinas, 1981, 179p. (veja o capítulo sobre Paulo).

¹³ Veja a respeito Pablo Manuel Ferrer, “Corinto, tiempos mesiánicos – Pistas para leer 1º Corintios y nuestra realidad”, em **RIBLA**, Petrópolis, Vozes, vol.62, 2009/1.

de ir a lutas contra o império romano. O que se lê de Paulo sobre o império em Romanos 13, não só se encontra sob a eminência dos tempos finais, mas também sob a evidência de que ninguém poderia fazer frente a um império tão total e devastador. Mais valia o caminho das comunidades e as ações de amor do que uma luta de desesperados contra o gigante romano.

Nessas e em várias outras questões éticas específicas – como na vida das mulheres ou na existência de escravas e escravos¹⁴ – Paulo, o apóstolo, não caminha sempre em trilhos mui iluminados. Há que aprofundá-las, sem dúvida, invocando contra elas análises críticas. Mas não me parece que haveria de avaliar o senso teológico do apóstolo de modo similar. Pelo contrário! Suas perspectivas, conquanto teológicas, conformam uma singular peculiaridade que efetivamente lançam muito importantes perspectivas. Estas realmente não se conformam com o presente século (veja Romanos 12,2). Os impasses presentes nas perspectivas paulinas são antes éticos que teológicos.

Por isso, vale lembrar Paulo, por exemplo em sua correspondência aos coríntios, em 1 e 2 Coríntios. Afinal, a argumentação teológica que encabeça a argumentação de 1Coríntios se lê que “Deus escolheu as coisas loucas do mundo... escolheu as coisas fracas do mundo... escolheu as coisas humildes do mundo” (1Coríntios 1,26-27). Aí não resta dúvida que Deus segue o caminho da fraqueza e dos pobres, como o faziam, a seu tempo, os profetas. Teologia começa, pois, necessariamente na cruz, na manjedoura pobre, em meio ao que é humilde. Como que não há outra trajetória disponível. Realmente é assim que “minha graça te basta, porque o poder chega a seu alvo na fraqueza” (2 Coríntios 12,9). E, em Romanos, o quadro teológico não é diferente, ainda que a linguagem paulina seja distinta. Aí o eixo argumentativo recorre ao conceito da justificação. Esta já não carece das obras da lei. Ela irrompe em nossa vida de modo que somos “justificados gratuitamente, por sua graça” (3,23-24). O conteúdo desta graça é a própria obra de Cristo Jesus na cruz. A ela o acesso é o da fé, sem obras da lei!¹⁵

A gratuidade de Deus é, pois, a marca da humanização. Nenhuma lei pode obter o que a gratuidade evoca, o de me fazer gente sem a obrigatoriedade, pois esta, finalmente, só me faz cativo de minha própria insuficiência. A liberdade não cresce sem perdão. Ética fora da graça produz engano e engodo.

Evoquei algumas das tradições bíblicas para assentar a ética na graça. Alocá-la na obrigação a torna como que necessariamente uma torpeza.

1.2 – Uma ética do provisório e do precário, do caminho e da busca

A ética interage com o evento salvífico. A seu modo deixa vislumbrar os jardins encantados do encontro com Deus em Jesus, aquele que morto e, de certo modo, assassinado

¹⁴ Veja o comentário de José Comblin, **Epístola aos Colossenses e Epístola a Filemon**, Petrópolis, Editora Vozes, 1986, 107p. (Comentário Bíblico – NT).

¹⁵ Veja a respeito Walter Altmann, **Lutero e libertação**, e Ernst Käsemann, **An die Römer**, Tubinga, J. C. B. Mohr, 3ª edição, 1974, 411p. (Handbuch zum Neuen Testament 8a).

teve compaixão de seus algozes, pois, afinal, entre estes estavam, como que seus próprios discípulos, tendo Pedro, o que o negou, à sua frente. Também ética só pode ser penúltima¹⁶, e neste sentido provisória. Pois, ela permite diversas decisões, variadas argumentações.

Ética poderia ser a do imperativo categórico. Se eu, por exemplo, tivesse escondido em minha casa um foragido da polícia, um perseguido pela polícia política dos tempos do regime militar brasileiro, teria eu que entregá-lo às autoridades, quando viessem à minha casa procurá-lo? Ou hei de escondê-lo justamente para que não caísse em mãos da polícia política? Aí as respostas poderiam ser variadas. Poderão depender de minha posição política. Mas também poderão depender de minha humanidade. Enfim, poderei orientar-me pela fé. Em cada uma dessas decisões, em todo caso não ficarei isento e nem inocente. Poderia ter sido engano pelo próprio fugitivo que poderia ter entrado em minha casa, sob o pretexto de um perseguido político. Enfim, as variáveis são múltiplas e minhas decisões éticas por igual podem ser outras tantas. Aí não há absoluto.

Poderia ter feito de conta como se tal absoluto houvesse. Poderia ter chamado de imediato a polícia, considerando que aquele foragido estava a invadir minha casa. Para tais casos, aciona-se a polícia. E pronto. Gente em fuga, em todo caso, seria caso de órgãos públicos e não tarefa para minha pobre e dúbia consciência, poderia argumentar. Chamar-se-ia quem de direito. A identidade cristã seria justamente esta de apelar a quem de direito em casos de pessoas à beira da lei.

Em todo caso, não haverá outra saída do que a de imiscuir-se no assunto. Ética não é, pois, somente a ação de acordo a um parâmetro, código, com parágrafos, itens e subitens. Ética precisa de decisão.¹⁷ Com isso, não se afirma que cada qual há de decidir como lhe apraz e de acordo a seus interesses. Afirma-se que há muito espaço para o individual, para o risco da decisão, até mesmo do subjetivo, para o caminho pessoal. Óbvio é que aqui também tais decisões pessoais, profundamente conectadas a decisões específicas e à história própria, continuam a ser sociais e, principalmente, se relacionam à responsabilidade. Ao me responsabilizar por minha decisão, a tal ponto me autoidentifico que posso receber, como que simultaneamente, a reprimenda social e ver-me, ainda assim, em profundo contentamento pessoal pelo ‘dever cumprido’, considerando que na decisão me fiz mais gente comigo mesmo.

Não há, pois, como pensar a ética sem a mais profunda participação e inserção no assunto em pauta. Ética se distingue, pois, de um seguimento de mandamentos, de leis, de obrigações, enfim de moral. Estas não me tornam pessoa, sujeito ético. Elas desmerecem minha co-responsabilidade para com a vida de outras pessoas, respeitando o intuito responsável de

¹⁶ Veja a respeito deste conceito Dietrich Bonhoeffer, *Ética*, São Leopoldo, Editora Sinodal, 8ª edição, 2005, 217p.

¹⁷ Veja a respeito Paul L. Lehmann, *Ethics in a christian context*, Nova Iorque, Harper & Row, 1963, 384p., em espanhol: La ética en el contexto cristiano, Montevideo, Editorial Alfa, 1968, 386p.; veja também Richard Shaull, por exemplo na coletânea de seus ensaios: *De dentro do furacão* – Richard Shaull e os primórdios da Teologia da Libertação, São Paulo, Sagarana/CEDI/CLAI/Programa Ecumênico de Pós-Graduação em Ciências da Religião, 1983, 222p. (Protestantismo e Libertação 1), e *O cristianismo e a revolução social*, São Paulo, União Cristã de Estudantes do Brasil, 1953, 104p.

quem decide contrário a mim, mas decide dentro da mesma responsabilidade em que eu mesmo me situo. Neste sentido, definições éticas contrárias podem ser idênticas à minha, ainda que contrárias, em conteúdo. Sim, não há ética sem risco e conflito.

1.2.1 – Sonhos com amor e da justiça

Decisão não se há de identificar com interesse. Ambos são distintos. Pois, interesse só atende um dos lados das perspectivas em questão. Seria aquilo que me convém. Pode suceder que toda decisão vire interesse. Só no caminho poderei testá-lo, verificá-lo. Justamente por isso dizia acima que a decisão jamais refuta o participativo e o solidário, pelo contrário justamente requer tais dimensões. Requer que se compartilhe, que se busque ajuda. Assim as decisões sairão mais maduras. E inclusive as que proferi em meu próprio interesse continuarão a estar sob o peso de julgamento da própria consciência munida por consciências de outros. Quanto mais decisão e interesse coincidirem maior possivelmente será a posterior auto-crítica.

Em função de tal autocrítica continuada, existem conceitos culturais que condensam experiências éticas seculares. Tais conceitos não solucionam tudo, mas podem nortear, espelhar de modo avaliativo as decisões éticas em jogo. Não servem propriamente de receitas, mas são ingredientes que me ajudam. Não me deixam só. Irmanam meus caminhos com as decisões de outras pessoas.

Tais conceitos já foram múltiplas vezes aplicados. A eles muitas gerações recorreram. E, além disso, em última instância, estão voltadas *contra mim*. Nisso reside, propriamente, o ponto crucial.

Amor e justiça consolidam experiências que não necessariamente se enquadram em minha intencionalidade. E, neste sentido, são horizontes e peculiaridades orientadores em procedimentos éticos. Não são propriamente normas éticas, mas horizontes. Vale a estes conceitos o que acima reivindicava para outras normas específicas, por exemplo para mandamentos e proibições particulares.¹⁸ Não convém, pois, que se coloque a exigência por amor e justiça/direito em lugar de uma validação de normas éticas específicas, porque então estaríamos gerando problemas similares aos acima já delineados. Estaríamos novamente retirando de cena o sujeito ético e desfazendo sua autoridade, ou melhor, autonomia¹⁹ ética. Conceitos abrangentes como “amor” e “justiça” não alcançam constituir-se premissas éticas específicas (veja Gênesis 38,26), mas requerem ser vivenciados como instâncias inquietadoras de definições e encaminhamentos éticos. Portanto, também a assim chamada “máxima do amor” não há de poder substituir a ambientação ou a decisão do sujeito ético.

¹⁸ Veja em relação a tais conceitos a pesquisa de Erhard S. Gerstenberger, **Wesen und Herkunft des “Apodiktischen Rechts”**, Neukirchen, Neukirchener Verlag, 1965, 162p. (Wissenschaftliche Monographien zum Alten und Neuen Testament 20).

¹⁹ Veja a obra de Paulo Freire, **Pedagogia da autonomia** – Saberes necessários à prática educativa, São Paulo, Paz e Terra, 2ª edição, 1997, 165p.

Posta esta ressalva, voltamos aos conceitos bíblicamente tão elaborados como o são os do amor e da justiça/direito. Amor/*agape* tem em mente as necessidades da outra pessoa. Não é ação reflexiva, mas acima de tudo objetiva. Assim a tem em mente o ‘bom samaritano’: cuida das feridas logo ao começar a reclinar-se ao assaltado; depois leva-o a um lugar abrigado onde pudesse continuar a ser cuidado; paga as despesas; e, ao regressar, se compromete continuar a dar atenção ao assaltado (Lucas 10,25-37). Em tudo, o centro das atenções é essa pessoa ferida e machucada. Por isso, o apóstolo Paulo delinea o amor, em 1Coríntios 13,5, como aquela ação que “não procura os seus interesses”. Em seus interesses próprios, o “amor” afogaria no que me é próprio. Óbvio é, que não há que querer afogar o interesse próprio mas em exercitar-se, em pedir de joelhos que os interesses alheios se sobreponham ao que me é próprio. Nesta dimensão, amor é ação do próprio Espírito; é ele que me constrange ao que não me é próprio, mas ao que me é alheio (veja Gálatas 5,22, veja aí também o v.14). É neste sentido que “Deus é amor” (1João 4,8): Ele, Deus, em sua absoluta diferença a nós. Convida-nos a Ele mesmo ao nos conduzir ao amor. Do mesmo modo que nele está a própria origem da luz, da vida (1João 1,5). Ao convidar-nos ao amor ao próximo, Deus nos convida a ele mesmo.

Não que o amor carecesse de complemento, mas, para que se lhe façam florescer todas as facetas, convém agregar-lhe o que o Primeiro Testamento adiciona e concretiza. Penso antes de tudo numa destas frases densas e programáticas de Amós, em 5,24:

“corra o direito como as águas,
e a justiça, como ribeiro perene” (Amós 5,24).

Frases similares poderíamos mencionar também em outros profetas.²⁰ Esta de Amós nos interessa em particular, porque nos remete para os dois conceitos hebraicos mais agudos em relação à ação ética.

Reivindica-se, para as relações sociais, que jorre “direito”. O termo hebraico em questão – *mixpat* derivado do verbo *xpt* – leva propriamente o sentido de ‘atribuir a alguém aquilo que é propriamente seu, lhe pertence’²¹. Direito não é, pois, um ‘bem’ social estranho, mas próprio. Mas para ser o que é precisa ser socialmente reconhecido, seja por uma decisão social, no caso uma conversão (Oseias 2) ou por um processo, no qual a pessoa que está em direito seja re-confirmada no que é seu, devido a uma sentença, uma decisão social no portão da cidade (veja Amós 5,15-16). O problema de tais decisões sociais em prol do “direito” está complicado, porque quem assumiu o poder social – o estado e suas elites – boicotam as decisões sociais ou as pervertem. Transformam o “direito” em alosna (Amós 5,7).

²⁰ Veja Milton Schwantes, “A terra não pode suportar suas palavras” (Amós 7,10) – Reflexão e estudo sobre Amós, São Paulo, Paulinas, 2004, 206 p.

²¹ Veja a respeito Gerhard Liedke, verbete *xpt*, em **Diccionario Teológico Manuel del Antiguo Testamento**, Madri, Cristiandad, vol.2, 1985, columnas 1238-1265.

Similar e distinto é o conceito mais abrangente de “justiça”. Este não se refere tão especificamente a uma decisão tão peculiar, mas ao espírito que move o que seja justo. Ora, *sedakah* “justiça” não é como “direito”/ *mixpat* algo concreto que se atribui a um cidadão. Antes é a ótica, e são os parâmetros em relação aos quais se decide o que seja “justo”. E aí os valores sociais são decisivos. Tamar se havia apresentada como prostituta nos caminhos, em Gênesis 38,26. Mesmo assim Judá, um dos filhos de Jacó, precisa reconhecer que ela, mãe sem filho, fora mais justo que ele, porque se lançara por completo à solução de seu problema: a de ter filho. No caso, é flagrante que “justiça” é uma categoria social não ideal. E é neste sentido que ela é usada também pelos profetas, como vemos no trecho acima citado de Amós 5,24. São os empobrecidos e as marginalizadas, como Tamar, que requerem “justiça”. Portanto, quem é justo não é propriamente quem é correto, mas quem, para ser gente, não o pode ser sem ser coletivamente apoiado para poder voltar às suas dignidades, para poder continuar a viver “a sua imagem” (Gênesis 1,26.28), a imagem de Deus, no social.

Nem “direito” e nem “justiça” são, pois, ideias, mas concretas verdades de empobrecidos. Em nossa terra, de fato, não haverá nem “direito” e nem “justiça” sem opção preferencial pelos milhões de empobrecidas e empobrecidos.

1.2.2 – “Solidariedade quero”

Justiça e amor encaminham muito bem o sonho bíblico. E são suficientemente abrangentes para a implementação de ações concretas.

Ainda assim, mais e mais viemos aprendendo a incluir um conceito a mais, porque através dele alcançamos expressar um aspecto que a nós, em nossos dias, parece necessário. Trata-se do conceito da solidariedade. Em hebraico, este conceito se relaciona com *hesed*. Em tempos passados, tendia-se a traduzi-lo por misericórdia. Mas este termo vem caindo em certo desuso. Além disso, relaciona-se ao ‘coração’, que, no hebraico, está vinculado à área do pensamento.²² *Heseh* acentua outra dimensão: a dos sentimentos, alocados, para a Bíblia, na região não protegida por ossos, como é o caso do coração, com o qual, na Bíblia, como dizia, se pensa. Sente-se abaixo das costelas que envolvem o coração dos pensamentos, aí onde estão o estômago e as entranhas, como se expressa a Bíblia.²³

Neste sentido, o termo em questão abre novas perspectivas para expressar relações. E este jeito de exprimi-las vem de encontro aos tempos que vivemos, onde amor e justiça são imaginários muito necessários para uma vida, em que exista espaço para todos, para um mundo ‘no qual todos caibam’.

²² Veja Hans Walter Wolff, **Antropologia do Antigo Testamento**, São Paulo, Edições Loyola, 1975, 329 p.

²³ Veja a respeito Silvia Schroe e Thomas Stäubli, **Simbolismo do corpo na Bíblia**, São Paulo, Edições Paulinas, 2003, 307p. (Série Bíblia e História).

Um trecho bíblico típico para esta perspectiva é a frase central e programática de Oseias 6,6, uma parcela de texto retomado logo duas vezes no Segundo Testamento, em Mateus 9,13 e 12,7:²⁴

“solidariedade quero e não sacrifício,
conhecimento de Deus e não holocaustos” (Oseias 6,6).

Essa frase programática situa-se no espaço da sabedoria. Além de reunir frases sobre a experiência, a sabedoria tende a alcançar afirmações contundentes e programáticas. A profecia tende a captar tais máximas sociais para fixar suas intuições sociais (veja também Amós 5,24 e Miqueias 6,8). Não se trata aí de normas, mas de intuições.

Feitas essas observações sobre experiências abrangentes da profecia em relação à ética, convém não esquecer que sua preocupação maior é a da crítica arrasadora e da ameaça devastadora aos senhores do poder. Fixo-me, no final, tão somente no aspecto da ameaça, considerando que o assunto tem sido bem estudado na pesquisa sobre a profecia.

1.2.3 – “Jeroboão morrerá à espada”

Profetas são, de modo contundente, adversários radicais do poder. Sua crítica às injustiças praticadas contra os pobres, sem dúvida, é igualmente muito reveladora. Mas tais defesas em favor dos mais fracos também podem ser encontradas na sabedoria e nos salmos. Diferente e inovador na profecia é que as injustiças contra os empobrecidos, homens e mulheres, podem mudar de perfil e de característica. Aliás, as denúncias são muitas e múltiplas. Basta que se compare Amós com Oseias para verificar as diferenças de enfoque e de linguagem quando se trata da denúncia, das acusações. O que não varia é a ameaça! Ela sempre se centra no centro do poder político, no estado e em suas cidades. As ameaças recaem contra o templo, o exército e o comércio, encabeçados pelo rei. Estas elites hão de ser destroçadas para que a vida das pessoas, em especial da gente empobrecida, volte a florescer, através da retomada da vida clânica e tribal. Só a superação da monarquia e sua sustentação urbana irão viabilizar “direito” e “justiça”, enfim “solidariedade”.

É óbvio: esta sociedade antiga, de tempos bíblicos, difere da nossa. Muitos séculos nos separam. Lá, na Escritura, vivia-se em condições tributárias e tribais, diferentes das condições de hoje. Não podemos, pois, acomodar-nos à Bíblia, achando que assim nos estaríamos acolhendo na verdadeira ética política. Novas decisões políticas se fazem necessárias para condizer a nossas condições de hoje.

²⁴ Veja a respeito de Oseias 6,6 a interpretação de Hans Walter Wolff, “‘Wissen um Gott’ bei Hosea als Urform von Theologie”, em **Gesammte Studien zum Alten Testament**, Munique, Christian Kaiser Verlag, 1964, p.182-205, e **Dodekapropheton 1 – Hosea**, p.153-154; veja também Carlos Mario Vásquez Gutiérrez, **Oseas 6,6 – Reconstruyendo el tejido social la solidaridad uma alternativa frente a la violencia institucional**, São Paulo, Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção, 1995, 186p. (dissertação de mestrado).

Referências

- ALTMANN, Walter. **Lutero e libertação** – Releitura de Lutero em perspectiva latino-americana. São Leopoldo/São Paulo, Sinodal/Ática, 1994.
- BELO, Fernando. **Lectura materialista del evangelio de Marcos** – Relato-práctica-ideología, Estella. Editorial Verbo Divino, 1975.
- BONHOEFFER, Dietrich. **Ética**. São Leopoldo, Editora Sinodal, 8ª edição, 2005.
- COMBLIN, José. **Epístola aos Colossenses e Epistola a Filemon**. Petrópolis, Editora Vozes, 1986.
- CROATTO, José Severino. **Êxodo** – Uma hermenêutica de liberdade. São Paulo, Edições Paulinas, 1981.
- DA SILVA, Domingos Sávio. **Habacuc e a resistência dos pobres** – Tradução crítica do profeta Habacuc. Aparecida/SP, Santuário, 1999. (Série Bíblica 5).
- FERRER, Pablo Manuel. Corinto, tiempos mesiánicos – Pistas para leer 1º Coríntios y nuestra realidad em **RIBLA**, Petrópolis, Vozes, vol.62, 2009/1.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia** – Saberes necessários à prática educativa. São Paulo, Paz e Terra, 2ª edição, 1997.
- GERSTENBERGER, Erhard S. **Wesen und Herkunft des “Apodiktischen Rechts”**. Neukirchen, Neukirchener Verlag, 1965. (Wissenschaftliche Monographien zum Alten und Neuen Testament 20).
- GUITIÉRREZ, Carlos Mario Vásquez. **Oseas 6,6** – Reconstruyendo el tejido social la solidaridad uma alternativa frente a la violencia institucional. São Paulo, Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção, 1995. (Dissertação de Mestrado).
- KÄSEMANN, Ernst. **An die Römer**, Tubinga, J. C. B. Mohr, 3ª edição, 1974.
- LEHMANN, Paul L. **Ethics in a christian context**. Nova Iorque, Harper & Row, 1963.
- LIEDKE, Gerhard. **Diccionario Teológico Manuel del Antiguo Testamento**. Madri, Cristiandad, vol.2, 1985.
- MEJÍA, Jorge. **Amor, pecado, alianza** – Una lectura del profeta Oseas, Buenos Aires, Ediciones de la Facultad de Teología de la U.C.A./Patria Grande, 1997.
- SCHORE, Silvia e STÄUBLI, Thomas. **Simbolismo do corpo na Bíblia**. São Paulo, Edições Paulinas, 2003. (Série Bíblia e História).
- SCHWANTES, Milton. **A terra não pode suportar suas palavras (Amós 7,10)** – Reflexão e estudo sobre Amós. São Paulo, Paulinas, 2004.
- SHAULL, Richard. **De dentro do furacão** – Richard Shaull e os primórdios da Teologia da Libertação. São Paulo, Sagarana/CEDI/CLAI/Programa Ecumênico de Pós-Graduação em Ciências da Religião, 1983.

SIMÍAN-YOFRE, Horacio. **El desierto de los dioses** – Teologia e historia en el libro de Oseas, Córdoba, Ediciones El Almendro, 1992.

SOBRINO, Jon. **Cristologia a partir da América Latina** – Esboço a partir do seguimento do Jesus histórico. Petrópolis, Editora Vozes, 1983.

WOLFF, Hans Walter, **Dodekapropheton 1 – Hosea**, Neukirchen, Neukirchener Verlag, 2ª edição, 1965, 322p.

_____. **O cristianismo e a revolução social**. São Paulo, União Cristã de Estudantes do Brasil, 1953.

_____. “Wissen um Gott’ bei Hosea als Urform von Theologie”. *In.: Gesamte Studien zum Alten Testament*. Munique, Christian Kaiser Verlag, 1964, p.182-205 e **Dodekapropheton 1 – Hosea**, p.153-154

_____. **Antropologia do Antigo Testamento**, São Paulo, Edições Loyola, 1975.

_____. **Hosea** – A Commentary on the Book of the Prophet Hosea, Philadelphia, Fortress Press, 1974.

Recebido em 30/09/ 2012

Aprovado para publicação em 15/12/2012